



**Obra publicada pela
Universidade Federal de Pelotas**

Reitor: Prof. Dr. Antonio Cesar
Gonçalves Borges
Vice-Reitor: Prof. Dr. Manoel Luiz
Brenner de Moraes

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof. Dr. Luiz Ernani
Gonçalves Ávila

Pró-Reitora de Graduação: Prof. Dra. Eliana Póvoas Brito
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr.
Manoel de Souza Maia

Pró-Reitor Administrativo: Eng. Francisco Carlos Gomes
Luzzardi

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Prof. Ms.
Élio Paulo Zonta

Pró-Reitor de Recursos Humanos: Admin. Roberta
Trierweiler

Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Mario Renato Cardoso
Amaral

Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Assistente Social
Carmen de Fátima de Mattos do Nascimento

Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr.
Volmar Geraldo da Silva Nunes

Gerência Operacional: Carlos Gilberto Costa da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.
Francisca Ferreira Michelin | Prof. Dr. Vitor Hugo Borba
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantoroski | Prof.
Dr. Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera
Lucia Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira
Vice-Diretora: Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2011-2012

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em Revista / publicação do Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de
Ciências Humanas. Universidade Federal de
Pelotas. v.17-18, (dez. 2011 dez 2012). –
Pelotas: Editora da UFPel, 2011.
1v.

Anual

ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

**Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center**

**PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE**

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 – 5523 (r. 204)

<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

VESTIDO “JORNAL”: DE IMAGENS DE UM OBJETO DE MODA ÀS POSSIBILIDADES DE UM OBJETO HISTÓRICO

Rochelle Cristina dos Santos*
Mara Rubia Sant’Anna-Muller**

Resumo: Estudo sobre as imagens difundidas da coleção de Moda “Nara Leão”, lançada em 2007 pelo estilista Ronaldo Fraga, cujo objetivo consiste em discutir as possibilidades que uma coleção de moda oferece para a investigação histórica em torno da memória e da cultura nacional. Este texto concentra-se apenas sobre um modelo, o vestido “jornal”, servindo para indicar os procedimentos de análise adotados e os aportes teóricos que sustentam as argumentações desenvolvidas em trabalho de maior amplitude. Esta análise tem como objetivo evidenciar o potencial semântico que uma fotografia de moda pode apresentar para se constituir em objeto de investigação histórica.

Em junho de 2007, durante o evento de moda mais famoso no Brasil e um dos mais importantes no mundo, o São Paulo Fashion Week¹, edição Verão 2008, o estilista mineiro Ronaldo Fraga lançou uma coleção de moda intitulada “Nara Leão”. Esta coleção possuiu aproximadamente 47 modelos, os quais se relacionam, segundo o estilista, às diferentes épocas da vida da cantora título da coleção. Em seu *release*, apresentação à imprensa das linhas gerais da criação e material disponível à leitura a cada espectador do desfile, Fraga diz ao público de uma Nara que ele imaginou ou, em seus termos, ilustrou: “Que falta você nos faz! A mesma

* Mestranda em História pelo PPGH/FAED/UDESC, bolsista CAPES. E-mail: rochellecristina@hotmail.com

** Doutora em História pela UFRGS (2005), professora efetiva da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Centro de Artes, Departamento de Moda e membro permanente do Mestrado em História do Tempo Presente da mesma instituição. Coordenadora do Laboratório Moda e sociedade – UDESC. Email: sant.anna.udesc@gmail.com

¹ Evento Internacional de Moda que acontece semestralmente na cidade de São Paulo/ Brasil.

falta que anda nos fazendo a delicadeza, a autenticidade, a generosidade e até o inconformismo. Falar em você é pensar em tudo isto” (ronaldofraga.com.br/port/ 07/11/2011). O personagem tema da coleção é um ausente presente. O *release* em forma de uma carta endereçada à Nara Leão só faz reforçar esta presença de um ausente e provocar apreensões de sentidos aos modelos vistos que vão muito além de sua funcionalidade vestimentar.

Do desfile que teve grande repercussão na mídia imprensa e eletrônica da época², torna-se possível, atualmente, apenas o acesso por meio das imagens dele produzidas. Estes indícios de um efêmero momento, cuja performance foi constituinte de sentidos múltiplos, são os meios pelos quais o presente estudo coloca em discussão as possibilidades de um produto de moda agenciar memórias e constituir sentidos que estão além do âmbito estético e comercial que, obviamente, envolve um produto destinado ao consumo de uma aparência idealizada (Sant’anna, 2007).

Logo, não é de um modelo palpável, feito de tecidos, formas e cores, que se ajusta a um corpo particular e adquire uma performance específica que, neste texto, se coloca em discussão a possibilidade de um produto de moda se tornar um objeto histórico. Neste caso, é a imagem do produto, denominado pelas pesquisadoras de “vestido jornal”, que em seu local de difusão e apreensão pelo espectador permite a discussão da potencialidade de uma imagem de um produto de moda ser discutida como um *locus* de historia.

Considera-se que a criação de uma imagem depende não apenas de seu criador, mas também de seu receptor, o qual vai constituir sentidos sobre a composição. Estes sentidos formados, estão diretamente ligados ao repertório cultural deste receptor que compreende o que vê a partir de elementos que conhece, (re)conhece e interpreta por estarem presentes em seu horizonte de espera (Jauss, 1996). Pode-se dizer também que “[...] a imagem seria um objeto segundo em relação a um outro que ela representaria de acordo com certas leis particulares” (Joly, 2007, p. 14).

Para Ulpiano Bezerra de Meneses (2003), os estudos das fontes visuais permitem a compreensão de momentos e situações sociais em determinado período histórico, não apenas como fontes formais do

² Para este artigo, foi utilizada apenas uma matéria disponível no *site* <http://estilo.uol.com.br/moda/spfw/ultnot/2007/06/17/ult3902u422.jhtm>

passado, mas por constituírem um local de experiência social, denominado por ele de visualidade. O autor em seus diferentes trabalhos evidencia as possibilidades ofertadas pelas fontes visuais, pois, para ele, as fontes visuais são elementos carregados de valor cognitivo, o que permite seu estudo pelas ciências sociais e humanas como agentes da vida social. Desta maneira os processos sociais estabelecem uma relação de produção e consumo no campo visual, o que autoriza as imagens, em seus diferentes formatos e teores (real ou imaginário) se constituírem em objeto histórico.

Ainda Meneses (2003) destaca que a despeito da marginalidade teórica com que a imagem é tratada nas pesquisas históricas, a história da fotografia e da imagem fotográfica é a que apresenta resultados e metodologias mais consistentes (p.29). Ultrapassar o uso meramente ilustrativo da imagem é reconhecê-la como agente e não apenas como produto de condições históricas analisadas. Os estudos da recepção permitem aos historiadores esse passo à frente, basta aventurar-se por outro *corpus* teórico e documental (Ver Jauss, 1979) e seguir o alerta que Jean Pirotte (2002) nos faz: *“comme tout document donc, l’image doit préalablement être passée au crible de la critique historique”* (p. 15)

Outrossim nenhuma imagem encerra em si sua potencialidade de significação. Mesmo que uma imagem tenha uma autoria exclusiva, como a do fotografo ou do estilista que produz o referente, a sua interpretação é indeterminada diante da universalidade de seus leitores. A poética inicial que a fez surgir apenas se completa na recepção que a *aisthesis* particular de cada olhar realiza e, logo, uma mesma imagem a distintos leitores pode compor sentidos diversos, os quais estão sujeitados tanto ao momento histórico da sua produção como de sua recepção, da mesma forma que um artefato, seja ele uma peça de design ou não, pode desencadear por sua forma e representações imagéticas distintas significações, bem além daquelas promulgadas por sua funcionalidade.

De uma forma ou de outra, é necessário reforçar que as imagens sempre serão metáforas de representação, pois sua composição não permite o duplo exato, a sombra perfeita, o reflexo indefectível que Platão supôs. Ao elaborar-se uma imagem, são operadas escolhas de duas ordens, a técnica e a discursiva. A técnica diz respeito às possibilidades tecnológicas e operacionais de compor esta imagem, o que interfere diretamente na condição de representação do desejado. Gombrich (1993) discorre com perspicácia as investidas que a tecnologia, o olho e as mãos

humanas realizam sobre aquilo que representam. A escolha discursiva, constituída no cerne das escolhas técnicas, relaciona-se às intenções daquele que opera a representação, intenções estas que se relacionam, por sua vez, aos padrões culturais, ideológicos e de recepção do universo no qual as representações funcionam como imagens.

Peirce (1990), para quem o signo é “algo que está no lugar de alguma coisa para alguém, em alguma relação de qualidade”, reforça a ideia de que o receptor faz parte do processo de significação de um signo, tendo em vista que entre o que é visto - o significante -, o que serviu de modelo - o objeto da representação - e a identificação interpretativa ou o significado se impõe o olhar que processou toda essa trajetória entre o objeto e seu duplo (JOLY, 2007, p. 35). Nesse ato receptor, o signo ou *representamen* pode adquirir uma das condições predominante: a de Ícone - analogia com o referente (parecer), não só a visualidade mas a semelhança por características (quali-signo); a de Índice - relação causal com o que representam (sin-signo); ou a de Símbolo - relação de convenção (legi-signo) (Santaella, 1983, p. 57). Portanto, nenhuma imagem em análise deve estar fadada a ser pensada em apenas uma categoria de signo, pois, dependendo do olhar que a recebe, ela pode vincular-se, em momentos distintos, a cada uma das categorias de signos. Exemplificando com o objeto de análise deste estudo, as imagens podem ser ícones da coleção e do próprio desfile que a lançou, dada a relação de analogia com aquilo que representa; de índice à medida em que o movimento das modelos desfilando, a diversidade de modelos propostos, a presença da platéia ao fundo, de marcas que indicam o local e o evento fazem das imagens representações indiciárias de um desfile de moda e, por último, como símbolo da própria marca e estilo Ronaldo Fraga, do tema de sua coleção de 2007/2008 e dos discursos que encerra um potencial consumidor capaz de decodificar as convenções culturais e sociais ali reificadas.

Estas considerações provindas do campo da semiologia são validades pelo historiador Daniel Roche na medida em que ele delimita a proeminência do leitor sobre a do autor também para o caso da roupa:

As funções social e cultural da roupa só podem ser entendidas em termos de comunicabilidade. Temos, portanto, de analisar o efeito produzido por aquilo

que é visto sobre aquele que vê, como em qualquer ordem de discurso no qual o que vem primeiro não é o locutor, mas o ouvinte. (Roche, 2007, p. 513).

Levando em conta a importância dessa relação dialógica iminente em todo discurso, escrito ou visual, é necessário considerar que a trajetória de Ronaldo Fraga, o sucesso obtido nas coleções anteriores, a autoridade que lhe é atribuída por críticos e editoriais de moda, assim como, todo o imaginário que reveste Nara Leão interferem na recepção e na interpretação das imagens disponibilizadas sobre o desfile da coleção em análise. Os espectadores do desfile se instalaram em suas confortáveis cadeiras e assessorados pelo *release* que liam e pela ambiência que se compôs em torno deles tiveram uma recepção particular, (ir)reconstituível, que varia de grau em termos de emoção e compreensão dos códigos associados aos modelos ali propostos. Os suportes de difusão do desfile, com seus textos por vezes assinados por autoridades do mundo da moda, com suas fotografias capturadas, em grande parte, por profissionais altamente qualificados, fazem da recepção das imagens da coleção Nara Leão ali apresentadas algo distinto, conduzido por um caminho pré determinado, porém não determinante, de compreensão dos códigos e sentidos desejados que passam a ser associados aos modelos em exibição. Estas pesquisadoras, como tantos outros teóricos da visualidade, diante destas mesmas imagens, se propõem outros olhares e a interpretações que fogem do pessoal e particular em busca de uma significação que insere o específico ao conjunto social, principalmente, por tomar tais imagens como agentes de uma discursividade e não materialização de sentidos convenencionados.

Logo, apesar deste texto concentrar-se em torno de uma imagem, ele não pode ser produzido sem o estudo do conjunto que as constituem. Estão intrínsecas à metodologia proposta as premissas para o tratamento crítico de imagens fotográficas, sugeridas por Mauad (2004, p. 19 ss.), quais sejam:

- a) a noção de série ou coleção, ou seja, por mais expressiva que seja uma fotografia, ela apenas ganha força quando inserida numa série que a qualifica historicamente, permitindo uma abordagem polifônica que coloca em evidência a produção, circulação e o consumo das imagens;

- b) o princípio da intertextualidade que permite a interpretação da fotografia como texto e, como tal, contida de outros discursos, sendo produzida e produzindo sentidos sociais para as representações que expõe, e
- c) o trabalho interdisciplinar, considerando-se que os processos de análise e interpretação de um documento polifônico, como a fotografia, exige, de seu investigador, o diálogo intenso com diferentes saberes e possibilidades de indagações teóricas e metodológicas.

A composição das séries de estudo como Mauad sugere se fazem subjacentes aos objetivos de investigação definidos, por isso, quase sempre, as imagens em discussão não chegam ao historiador já organizadas de forma que as séries se desprendam delas “naturalmente”. O fato de uma coleção de moda ser organizada de forma a estampar uma lógica denominada “conceito de coleção”, não dispensa o trabalho do investigador de reagrupamentos e definições de estruturas internas de análise, como a pesquisa com álbuns de família exige, por exemplo.

Os diversos modelos propostos por Fraga estão organizados, segundo seu *release*, em três grupos: bossa nova, canção protesto e tropicália que, segundo o estilista, ilustram “tudo que a sua trajetória me provoca” (ronaldofraga.com.br/port/). Todavia, como o objetivo geral desta pesquisa consiste em discutir as possibilidades que uma coleção de moda oferece para a investigação histórica em torno da memória e da cultura nacional, outras séries foram organizadas. Os títulos das séries organizadas não fugiram aos títulos atribuídos pelo estilista, todavia são outros pressupostos que as organizam, vinculando-se ao objetivo central do estudo:

a) *Bossa Nova* : reúne peças cuja composição plástica e icônica exploram elementos que traduzem o movimento musical intitulado Bossa Nova e que, por sua vez, reforçam discursos de uma identidade brasileira estereotipa em ícones dado ao consumo internacional e local do que foi rotulado como marcas do Brasil;

b) *Protesto*: peças cujas estampas exploram ícones da repressão militar e da ligação da cantora com o samba e a luta pela liberdade;

c) *Sofisticação*: peças e elementos cujos significados reafirmam a identidade de marca dos produtos Ronaldo Fraga, voltado para um público urbano, intelectualizado, atento ao mundo *cult*, do qual o estilista se diz

um representante.

Assim recortados e reorganizados os modelos do desfile servem em diferentes entradas para argumentações em torno da identidade nacional – série Bossa Nova -, da biografia construída sobre a cantora tema da coleção – série Protesto – e, sobre a autobiografia e imagem de marca que Ronaldo Fraga se compõe por meio desta coleção “Nara Leão” – série Sofisticação.

As referências à identidade nacional são encontradas na palheta de cores dos modelos, como o azul do mar (cor predominante), na vida marítima (cenografia do desfile com barquinhos pendurados), no verde amarelo do pavilhão nacional (detalhes de algumas peças), no sincretismo religioso (estampas de fitas do Bonfim), no ladrilho da calçada de Copacabana (estilizado em algumas estampas e no chão da passarela) e mesmo no sucesso obtido pela Bossa Nova no exterior (estampa de fitas cassetes). De igual forma, na série protesto representações estilizadas de favelas, do céu com nuvens carregadas, do quadro Lindonéia de Rubens Gerchman, de jornal com páginas carregadas de sinais de contestação (mão indicando pare) entre outros tantos ícones que compõem uma maneira de co-memorar Nara Leão e fazê-la a musa de um tempo, que segundo o *release*, parece estar esquecido na atualidade : “falta (...) até do inconformismo”.

Dentre as imagens analisadas no trabalho mais detalhado, apresenta-se o vestido “Jornal”, que pertence à série “protesto”. Como ferramenta de análise adotou-se as recomendações de Martine Joly (2007). A autora sugere que seja observado quatro níveis de discussão, preparando o estudo da imagem para interpretações ulteriores. Seriam eles:

- O Contexto: A imagem foi produzida no desfile de lançamento da Coleção de Moda Nara Leão 2007/2008 pelo fotógrafo Alexandre Schneider e divulgada no *site* UOL, na sessão “Estilo”, no mesmo dia do desfile. Acompanhando um texto intitulado “Ronaldo Fraga homenageia Nara Leão em desfile emocionado”, assinado pela jornalista Caroline Vasone. O texto informa minimamente sobre a coleção em si e se atém, especialmente, a descrever a cantora Nara Leão, as músicas interpretadas durante o desfile, a indicar Fernanda Takai como interprete das canções tema e, toda a

performance apresentada pelo estilista Ronaldo Fraga. Ao lado do texto, uma pequena imagem de um vestido com estampa de folhas de jornais, emoldurado por um quadro violeta de espessura marcante e serve também de fundo para a legenda em letras brancas: “Vestido tulipa ganha estampa de jornal com o rosto da cantora Nara Leão”. Abaixo da legenda e aproveitando o destaque dado pela moldura púrpura são indicadas as opções para continuar lendo e apreciando o conteúdo da matéria jornalística: “Veja Fotos / Assista trechos do desfile / Entrevista: Ronaldo Fraga / Entrevista Fernanda Takai.” O intuito desta publicação era a divulgação dos temas e apresentações que estavam sendo contemplados no São Paulo *Fashion Week*

- A Descrição: A fotografia foi produzida no momento do desfile em que as modelos param na ponta da passarela, antes do retorno ao camarim, exatamente no local em que os fotógrafos profissionais ficam posicionados. A modelo está com uma expressão séria, cabelos arrumados com o corte Chanel utilizado por muitos anos por Nara Leão. Podemos perceber que a estampa de jornal trabalha com informações fictícias, na parte superior do vestido é possível compreender a frase “1ª Edição Lindonéia”. Percebe-se também a imagem do quadro Lindonéia, algumas fotografias de Nara Leão, a imagem de um fusca na parte inferior do vestido. Não com tanta clareza, mas é possível identificar os basrquinhos de papel flutuando no cenário, bem como notar que o chão possui uma textura semelhante a ladrilhos de calçadas portuguesas. A fotografia do vestido “jornal” faz a chamada de um “slide show” com mais 47 fotografias, todas do momento do desfile, quando os modelos eram apresentados nos corpos das manequins. As fotografias foram tiradas frontalmente, indicando que o fotógrafo se encontrava no *podium* de imprensa, numa condição privilegiada de captura das imagens. A cada entrada de um modelo na passarela dezenas de fotógrafos tentam o mais rápido possível fazer a fotografia perfeita do ponto de vista estético e técnico, permitindo que o futuro espectador possa

perceber inteiramente o corte, a textura e os detalhes que valorizam o modelo em exposição.



Figura 8 – Vestido « jornal » http://estilo.uol.com.br/moda/album/08ver_spfw_17_07ronaldofraga_album.htm#fotoNav=1
acesso em 29 de outubro de 2011

- A Mensagem Plástica

Significantes plásticos	Significados
Página eletrônica de site comercial, com conteúdo variado	Acesso intencional, por público afeito as novas tecnologias, não especializado, cuja “atualidade” da informação conta mais que sua qualidade
Imagem JPEG. 57kb. 209 x 296 pixels	Imagem de baixa qualidade, o que impede a reprodução impressa com preservação de tonalidades e texturas, mas que atende ao objetivo de exposição, chamar atenção para as demais fotografias postadas na continuidade do link

<p>Quadro : Moldura digital, na cor púrpura</p>	<p>Pouco cuidado estético do editor, pois o púrpura não valoriza as tonalidades do modelo em exposição e nem se relaciona com o tema trabalhado na estampa. Tem função de apenas chamar atenção, fazer contraste entre o fundo branco e a tipografia escura usada no texto ao lado. A moldura reforça a ideia de ilustração atribuída à imagem, sua função é de cativar o leitor para o assunto.</p>
<p>Enquadramento semi-aberto da tomada da fotografia</p>	<p>Permitindo ver um pouco do cenário do desfile, contextualiza o modelo e autentica a fotografia como realizada no momento do famoso evento..</p>
<p>Ângulo de tomada : Plano Americano, personagem do joelho para cima</p>	<p>A tomada em plano americano enfatiza o vestido, constituindo-o como personagem da mensagem e não a manequim que empresta seu corpo ao desfile da roupa, permite melhor apreciar os detalhes do corte e da estampa.</p>
<p>Ângulo da escolha da objetiva: <i>podium</i> de imprensa, ocupado apenas por fotógrafos credenciados</p>	<p>Distância focal longa, foco na modelo. Indica a condição de profissional autorizado a realizar as fotografias divulgadoras do desfile valorizando o modelo e o evento no qual foi apresentado.</p>
<p>Composição da imagem : Modelo em primeiro plano (cores, formato, maquiagem, cabelo etc da modelo); segundo plano a passarela e os detalhes de sua</p>	<p>Valorização do modelo, pela ênfase na qualidade técnica e inovação estilística. Referência ao universo musical do tema da coleção, indicando o cenário das calçadas cariocas: ladrilhos portugueses e os barquinhos pendurados em alusão a música "O barquinho" de grande sucesso para a Bossa Nova.</p>

cenografia: barcos de papel pendurados e ladrilhos portugueses	
Cores do quadro geral:	Na moldura e nos tópicos principais do site predomina a cor púrpura e suas variações. Neste caso, os textos de descrição e legenda encontram-se em letra branca, não permite uma boa leitura. Na fotografia, o vestido é a imagem central. Suas cores aproximam-se de um tom de bege, próximo do amarelado, remetendo a cor de um jornal antigo. As chamadas, imagens e acessórios em preto chamam atenção, é importante ressaltar que a cor dos cabelos (ou peruca) da modelo (e de todas as modelos) também é preto. No cenário percebemos mais tons de branco, no ladrilho das calçadas e nos barquinhos que flutuam.
Iluminação	Focada, orientada.
Textura	A fotografia possui o foco na modelo, e o cenário fica desfocado

Significantes icônicos	1º Nível de significados	Conotações de 2º Nível	
Cenário : Barquinhos pendurados	Flutuação	Leveza	Direção, precisão
Calçamento português	Calçadas Cariocas	Cidade modelo	Representação de Brasil
Vestido	Feminilidade	Delicadeza	Poluição Visual. Desconforto
Estampa Jornal	Informação	Denúncia	Repressão
Chamadas de matérias fictícias	Divulgar	Alertar	Enfatizar
Imagem quadro "Lindonéia"	Música Lindonéia	Letra da música	Representação
Matérias com letra da música "Lindonéia"	Bolero	Repressão	Violência Sexual

Imagens de Nara Leão	Homenagem	Imagem a seguir	Ícone
Imagem de mulher fazendo sinal com a mão	Pare!	Protesto	Ditadura

Para Joly, “A noção de *expectativa* na recepção de uma mensagem é absolutamente capital, e é claro, intimamente ligada a de *contexto*. Ambas as noções condicionam a interpretação da mensagem e completam as noções de *instruções de leitura*.” (Joly, 2008, p. 61). A partir desta análise, e da análise das demais imagens que representam as séries, foi possível observar que as peças da coleção de moda Nara Leão 2007/2008 apresentam referências e traduzem representações da cultura nacional brasileira. Estas referências, e estas possíveis interpretações acerca de uma coleção de moda, nos permitiram apreender o que nos afirma Gilles Lipovetsky “...a moda é formação essencialmente sócio-histórica, circunscrita a um tipo de sociedade.” (2009, p. 25. Em suma, consideramos que os estudos não apenas das fontes visuais, mas que o reconhecimento da moda como um objeto de estudo histórico, pode contribuir com o entendimento da sociedade na qual estamos inseridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papyrus, 1994.
- GOMBRICH, E.H. **La imagen y el ojo – nuevos estudios sobre la psicología de la representación pictórica**. Madrid: Alianza Editorial, 1993.
- JAUSS, Hans. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (Coord.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Tradução: Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 2007.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MAUAD, Ana Maria. Imagem e auto-imagem do Segundo Império. In: ALENCASTRO, L. F. De (Org) **História da vida privada**. Vol. 4, São Paulo:

Companhia das Letras, 1997.

_____. **Poses e flagrantes:** ensaios sobre história e fotografia. Niterói/RJ: Editora da UFF, 2008.

_____. Fotografia e história – possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (orgs). **A leitura de imagens na pesquisa social:** história, comunicação e educação. São Paulo: Cortez, 2004.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, vol. 23, nº 45, 2003.

_____. História cativa da memória: para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, v. 34, p. 9-24, 1992.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990. 337p.

PIROTTE, Jean. Images et critique historique. In: JADOULE, Jean-Louis. **L'histoire au prisme de l'image**. Vol.1: L'historien et l'image fixe texte. Louvain/BG: Université Catholique de Louvain, 2002.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências:** uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII). São Paulo: Senac, 2007. 526p.

SANTAELLA, Lúcia. **Estética de Platão a Pierce**. São Paulo: Experimento, 1994.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Teoria de moda:** sociedade, imagem e consumo. Barueri: São Paulo: Estação das Letras Editora, 2007.106p.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

<http://www.ronaldofraga.com.br/port/>

<http://www.dicio.com.br/iminente/> dicionario pt

<http://estilo.uol.com.br/moda/spfw/ultnot/2007/06/17/ult3902u422.jhtm>